

Adriana Iop Bellintani*

Os Estados Unidos intensificaram aproximação com o Brasil, no decorrer da Segunda Guerra, quando os países do eixo dominaram o norte da África, especialmente Dakar. Neste período as aeronaves não possuíam autonomia de voo para cruzar os continentes sem abastecimento e ainda não havia abastecimento de aeronaves em voo.

Na visão norte-americana, poderia ser iminente uma invasão dos países do eixo pelo nordeste e pelo norte do Brasil, pois atribuíam grande valor estratégico ao Canal do Panamá, e caso este caísse sob o domínio inimigo o escoamento de produtos para os Estados Unidos seria prejudicado.

Desta forma, os norte-americanos intensificaram sua política de boa vizinhança, como afirmou Ferraz: “seus fundamentos eram o intercâmbio econômico, político e cultural entre os Estados Unidos e seus vizinhos latino-americanos, a defesa da autodeterminação dos povos e a constituição de uma política conjunta entre os países do continente.” (FERRAZ, 2005: 28-29).

O Brasil, que primeiramente declara neutralidade, vai pouco a pouco convergindo para o lado dos Aliados em defesa dos regimes democráticos. Os imigrantes japoneses, alemães e italianos tornam-se alvos de suspeitas, e passam a ser vigiados pelo governo brasileiro e pelos diplomatas e adidos dos países aliados que estavam no Brasil.

A supervisão do nordeste foi resolvida por intermédio de negociações, como o empréstimo norte americano para o surgimento da Companhia Siderúrgica Nacional e a instalação dos militares americanos na Base Aérea de Parnamirim, no Rio Grande do Norte, por eles fundada. O saliente nordestino brasileiro se tornou um dos importantes pontos estratégicos da Segunda Guerra, no Atlântico Sul.

De maneira similar, a importância estratégica da região norte levou o governo americano a realizar estudos e incursões na região, bem como pressionar o governo brasileiro para realizar, também, a supervisão da área.

* Professora da Universidade Federal de Roraima (UFRR), atualmente lotada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Doutora em História Social pela Universidade de Brasília.

Assim, a Amazônia assume papel predominante como área de interesse estadunidense na intenção de conter avanços do eixo rumo ao Caribe e conseqüentemente ao Canal do Panamá. A possibilidade de, a partir da Amazônia brasileira, se chegar à Venezuela, a Guiana, a Guiana Francesa e daí seguir em direção ao Panamá, levou o Departamento de Guerra dos Estados Unidos a vigiar a região, em especial o Território Federal do Rio Branco, área de tríplice fronteira.

Desta forma, este artigo se debruça sobre a ação de vigilância norte-americana no território de Roraima, a partir da pesquisa documental realizada no National Archives em Washington.

O Brasil e a defesa da fronteira norte

George Marshall, novo chefe de Estado-Maior do Exército Norte-Americano, visitou o Brasil, de 25 de maio a 7 de junho de 1939. Ele veio acompanhado do Cel. James Chaney, Ten. Cel. Lehman Miller, Maj. Matthew Ridgway, Maj. Louis Compton e do Cap. Thomas North. A comitiva americana visitou São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Bahia e Pernambuco. Em 7 de junho, Góes Monteiro (1889-1956), Chefe do Estado-Maior do Exército Brasileiro, partiu para os Estados Unidos em companhia de Marshall, tendo que declinar ao convite francês para viajar à Europa a fim de assistir à revista de 14 de julho.¹

A vinda da missão americana ao Brasil tinha como propósito mostrar a potente aviação americana, pois tudo indicava que Góes viria dos Estados Unidos para o Brasil em um avião militar americano, escoltado por aparelhos modernos.² A força americana realizou, à época, importantes manobras aéreas nos céus do Caribe, Cartagena e Bogotá. A vinda de George Marshall ao Brasil, segundo Henry Gueyraud: “estava confidencialmente encarregada de examinar os recursos de toda ordem que o Brasil

¹ Correspondência de Chadebec de Lavalade, chefe da Missão Militar Francesa, para o ministro da Guerra da França, Rio de Janeiro, 09 de junho de 1939. Paris: Arquivo SHAT, 3399.

² id., ib.

poderia oferecer em caso de conflito, notadamente quanto às bases navais utilizáveis e as matérias primas”.³

O presidente do Comitê das Relações Exteriores da Autoridade Aeronáutica Civil, em Washington, segundo Chadebec de Lavalade, declarou: “A unificação dos transportes aéreos sobre o continente americano (sob a direção dos Estados Unidos) e a ligação entre as repúblicas irmãs que resultará desta unificação será o meio mais eficaz de lutar contra a concorrência alemã”.⁴

Góes e George Marshall assinaram um acordo de cooperação militar, ao qual o Gen. Dutra impõe três condições essenciais, para ser levado a bom termo:

(...) completa manutenção de nossa soberania territorial e militar; completa liberdade de ação para nossas relações diplomáticas e intercâmbio comercial e cultural com todas as potências mundiais; máxima discricão nas negociações, a fim de não provocar desconfianças e animosidades prejudiciais à cordialidade existente com as demais Nações Sul-Americanas.⁵

Góes Monteiro também estava de pleno acordo com a cooperação militar entre Brasil e Estados Unidos e deixou claro a Marshall que o centro de gravidade das forças militares brasileiras era a parte meridional do país, em caso de mobilização e concentração. Mas os americanos não estavam interessados na região sul. Segundo as negociações feitas em Washington, seriam preparadas bases aéreas no nordeste, conforme solicitação americana, pois lhes interessava essa área para pouso e decolagens de aviões, ligando-os mais rapidamente à região onde se desenvolveriam os conflitos da próxima guerra mundial, que então já se configurava no cenário de algumas nações. Acrescentou Góes:

Si o Brasil for envolvido no conflito armado ou apresentar-se a eminência deste conflito, a sua posição geográfica e a sua situação no conserto dos países sul americanos exigem preventivamente a concentração de suas forças principais no sul do país, à condição que fiquem garantidas as comunicações marítimas e a integridade do nordeste, e para este fim as forças aéreas e navais dos Estados Unidos deverão utilizar-se das bases construídas pelo

³ Correspondência de Henry Gueyraud, encarregado dos negócios da França no Brasil, para o ministro das Relações Exteriores da França, Rio de Janeiro, 03 de junho de 1939. Paris: Arquivo MRE, dossiê 132, 174-5.

⁴ Correspondência de Chadebec de Lavalade, op. cit. nota 1.

⁵ Correspondência de Eurico Gaspar Dutra para Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 05 de maio de 1939. Rio de Janeiro: CPDOC, Arquivo Eurico Gaspar Dutra.

Brasil nos pontos mais convenientes, muito particularmente em Natal e Fernando de Noronha.⁶

O Exército começou a preparar-se para aumentar a supervisão sobre elementos suspeitos e colocar seus membros em alerta, quanto às manifestações estrangeiras, consideradas perigosas à ordem da nação, principalmente nas regiões de colonização como Rio Grande do sul e Santa Catarina.

O governo brasileiro tinha ciência das preocupações e incursões norte-americanas na região norte do Brasil. O General Góes Monteiro prometeu cooperar com os Estados Unidos e designou oficiais de seu estafe para elaborar um relatório sobre a área e entregá-lo ao adido estadunidense.

Góes ainda pontuou a possibilidade, caso fosse necessário, de transportar óleo e gasolina de aviação, partindo da Bolívia, em direção ao rio Branco, pelo rio Madeira. Ele solicitou ao General Zenobio da Costa (1893-1962), Comandante da Oitava Região Militar, que estudasse a vigilância no norte e que fosse mantido contato com o General Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958), visto que a área do rio Branco lhe era muito familiar.⁷

Além de Góes, Osvaldo Aranha (1884-1960), então Ministro das Relações Exteriores do Brasil, autorizou o Departamento de Guerra dos Estados Unidos a prosseguir com a instalação de observadores em Boa Vista e Manaus, bem como o uso de aeronaves na região.⁸

Um destacamento de 35 homens, enviado pelo Governo Federal, sob o comando do Tenente Ramiro Souza, estava em Boa Vista, pois a localidade não possuía nenhum destacamento próprio que guarnecesse a área fronteira. A Fronteira com a Venezuela também não possuía nenhum tipo de supervisão e havia neste momento cinco soldados de cavalaria do Estado, servindo como polícia em Boa Vista.⁹ O Tenente Souza tinha

⁶ Correspondência do Gen. Góes Monteiro para o Gen. Marshall, Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1939. Rio de Janeiro: CPDOC, Arquivo Getúlio Vargas, rolo 6.

⁷ Documento endereçado ao Secretário de Estado dos Estados Unidos. Em 09 de janeiro de 1942. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 197.

⁸ Documento endereçado ao Secretário de Estado dos Estados Unidos. Em 14 de agosto de 1942. Washington Arquivo Military Intelligence Division. Box 197.

⁹ Relatório do vice-cônsul norte Americano, Parker Hart para o Governo norte Americano. Em 16 de julho de 1941. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 222.

um gabinete dentário e mantinha sua prática quando não possuía outras obrigações militares.

Os soldados estavam aquartelados em casas particulares, porque o espaço para permanência era muito pequeno. O monastério dos Beneditinos tinha capacidade para receber cerca de 100 pessoas. Havia ainda duas casas de pensão na cidade com capacidade para receber 30 hóspedes e inexistia hotel.

Mediante pressão internacional e do governo federal, o interventor do Amazonas Álvaro Maia (1893-1969) aprovou a importante estratégia de supervisionar a área de Boa Vista e ofereceu total cooperação como guardas, materiais e outros meios de auxílio. Ele se demonstrava pró-aliados. Apesar dos esforços, o maior problema das operações militares na fronteira norte era logístico, no que concerne ao abastecimento adequado de comida, óleo e gasolina.

A Política no rio Branco

O Estado de Roraima fez parte do Estado do Amazonas até a criação do Território Federal do Rio Branco em 1943, durante o Estado Novo (1937-1945). Em sua política de integração nacional, Getúlio Vargas, então Presidente da República, via a Amazônia como importante área para se habitar e diminuir a fome do nordeste.

Vargas aproveitou as circunstâncias da Segunda Guerra Mundial, quando principalmente a Malásia não produzia mais a borracha, para assinar os Tratados de Washington, e transformar a borracha como importante economia no norte e os nordestinos nos soldados da borracha.

Com a atenção voltada para a região, elevou a área de Roraima a território e nomeou o Capitão Ene Garcez dos Reis governador do território. Ene Garcez administrou de 1944 a 1945, quando findou a grande guerra. Mediante as necessidades do local em relação a saúde, educação e infraestrutura, ele elaborou o Plano Quinquenal Territorial, para melhorar a administração e levar ao governo federal as deficiências e dificuldades da população local.

A situação era de franca precariedade, visto que inexistiam escolas e a grande maioria da população era analfabeta. Havia ocorrência de muitas doenças tropicais e

faltavam hospitais, médicos e toda infraestrutura para combater epidemias como a sífilis, mencionada em vários documentos norte-americanos devido a sua ocorrência em todo Estado. Somado a este quadro, faltavam estradas e meios para favorecer o abastecimento local, mesmo no campo militar e de segurança.

O território não possuía quartéis nem mesmo guarda local, faltava alojamento, efetivo, armas e toda infraestrutura para montar um policiamento e supervisionar os delitos e o contrabando que no período já eram frequentes, por ser uma região rica em minerais e próxima das fronteiras caribenhas.

De acordo com os relatórios norte-americanos, Boa Vista, neste período, tinha cerca de 10.000 habitantes, dos quais noventa por cento eram de origem indígena. Em Boa Vista não havia escolas públicas, apenas professores particulares e as freiras alemãs que lecionavam no convento, para cerca de setenta crianças. Isso era insuficiente para o número de crianças, à época. O relatório também informava que não havia jornal em Boa Vista e o periódico vindo de Manaus chegava seis meses atrasado.

O governo local estava sendo dirigido por Adolfo Brasil, pertencente à família que governava por gerações a região com mão de ferro. Apesar de parecer popular, ele era acusado de pouco fazer pela melhoria do local desde 1935, quando chegou ao poder.¹⁰ Em 1944 é nomeado para Prefeito Mario Homem de Mello (1894-1952), que se dedicou a realizar o Plano Diretor de Boa Vista.

As incursões dos forasteiros em Roraima sempre estiveram atreladas a lendas como o Eldorado e a procura de pedras e metais preciosos. Os padres e freiras se dedicavam ao ensino e a vida religiosa, mas entre os Beneditinos havia padres alemães que também se interessavam pelos minérios, e estavam agindo com sucesso na região com um pêndulo mágico. A prática de radioestesia foi utilizada para encontrar minérios e entre os padres que se destacaram em Roraima neste período citam-se Dom Ildefonso Deigendesch e Dom Alcuíno Meyer, que administraram a Prelazia do Rio Branco de 1909 a 1948. (SANTOS, 2010: 298).

Segundo os relatórios norte-americanos, nesta área existiam depósitos de ouro, diamantes, betume e rádio: “De acordo com o padre, o betume pode ser encontrado no

¹⁰ Relatório encaminhado ao departamento de Guerra dos Estados Unidos. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 197.

Rio Anauá, cerca de 100 milhas abaixo de Boa Vista.”¹¹ O pêndulo indicava que o rádio poderia ser encontrado nas montanhas de Kanuku na Guiana Inglesa e a possibilidade de depósitos de ouro e diamantes na montanha de Pacaraima¹²

O Departamento de Guerra dos Estados Unidos, além de mapear as áreas consideradas ricas em minérios e se interessar pela extração dos mesmos, passou também a exercer pesada vigilância sobre os indivíduos de origem italiana, alemã e japonesa na Amazônia.

Elementos perigosos na Amazônia

Os norte-americanos durante muito tempo passaram a supervisionar as pessoas que entravam e saíam de Boa Vista e de Roraima, principalmente os estrangeiros. Hart, vice-cônsul dos Estados Unidos, fez muitas menções aos padres Beneditinos, de origem alemã, que tinham uma missão no local.

Entre os estrangeiros supervisionados estava o Dr. Valter Drescher, bem conhecido na região. Ele chegou a Boa Vista por volta de 1939 e fez uma viagem para o Monte Roraima, seguindo para a Venezuela e a Guiana Inglesa, acompanhado do Padre Alcuíno Meyer, integrante da Missão Beneditina, e conhecido por utilizar a radioestesia para encontrar minérios.¹³

Outro visitante supervisionado foi Lido Giroto, de origem italiana, nascido no Brasil, que trabalhava na embaixada brasileira em Caracas e veio para Boa Vista encontrar um local para instalar uma linha aérea postal interligando a Venezuela a Boa Vista e Manaus.

Bedrich Sruta, tchecoslováquio, nascido em Praga, estava vivendo na área de Boa Vista havia cerca de dois anos e nutria forte simpatia pelo nazismo, manifestando-se completamente anti-britânico. Juntamente com Sruta, havia mais outros dois tchecos na região, o Tenente Frank Herbst e Edward Cerny, que de acordo com o vice cônsul americano estavam envolvidos em atividades subversivas.

¹¹ Carta enviada pelo Capitão Louis Miccio. Em 22 de novembro de 1943. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 219.

¹² id., ib.

¹³ Relatório do vice-cônsul norte Americano, Parker, op. cit. nota 9.

Jakob Bamberg era um descendente de alemães, nascido em São Paulo, que residia há 30 anos em Boa Vista, na localidade de Aparecida. Havia rumores que conhecia muitas minas secretas, inclusive de mercúrio. Ele estava casado com uma índia e demonstrava desinteresse por questões políticas. Outro elemento vigiado era Jon Raskelewski, judeu que estava refugiado em Boa Vista.

Em Manaus, foi preso o alemão Kurt Kremer, porque foi encontrado um uniforme da Força Aérea Alemã em seus pertences. Kurt entrou no Brasil via Colômbia e trabalhava para a “Semper & Company”. De acordo com o chefe de polícia de Manaus, Kurt era membro da Gestapo.¹⁴

Em Manaus, correram rumores que em 04 de janeiro de 1942 um avião desconhecido pousou perto de Boa Vista, com sete homens a bordo. O capitão Manesses, comandante da Força Aérea Brasileira no Distrito do Amazonas, foi enviado para verificar a veracidade da história.¹⁵

Os imigrantes, mediante seus alinhamentos ideológicos, poderiam representar um perigo, caso enviasse informações aos países de origem sobre a Amazônia e suas vulnerabilidades na fronteira ou tentassem dominar a região. Outrossim, muitos imigrantes controlavam o capital na região por meio de suas empresas, o que facilitava a ação dos governos do Eixo.

O baixo Rio Branco, trecho entre Vista Alegre até o encontro do Rio Branco com o Rio Negro, era controlado pela firma alemã “Semper & Company” de Manaus. Durante muitos anos detiveram o monopólio virtual do comércio de borracha, balata e castanha do pará.

O alto Rio Branco, trecho compreendido entre a confluência dos rios Tacutu e Urariquera, que origina o Rio Branco, até a cachoeira do Bem-Querer, ao sul da cidade de Boa Vista, era controlado pela firma “J. G. Araújo & Cia” administrada por José Oliveira, de origem portuguesa e alinhado pró-aliados. Ele conseguiu transportar oficiais para Boa Vista, mesmo nas estações que o rio estava baixo e a viagem se tornava difícil e perigosa.¹⁶

¹⁴ Carta de Hal B. Armstrong, Jr, Primeiro Tenente do Corpo Aéreo e assistente do adido militar. Em 09 de fevereiro de 1942. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 224.

¹⁵id., ib.

¹⁶ Relatório do vice-cônsul norte Americano, Parker Hart para o Governo norte Americano. Em 16 de julho de 1941. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 222.

O major norte-americano Frederick Sharp alertou para o crescimento dos negócios das firmas alemãs na Amazônia e do número de colônias japonesas que se faziam presentes na região, bem como expandiam seus negócios no interior do Estado do Amazonas.¹⁷

Desta maneira, a supervisão americana foi fortemente sentida sobre os imigrantes, em virtude das colônias de japoneses localizadas em Monte Alegre, Santarém e Parintins. A colonização japonesa iniciou-se nos anos vinte e se dedicava ao plantio de pimenta-do-reino, hortaliças e posteriormente a juta, como afirmou Benchimol: “a jiticultura transformou a paisagem agrícola, econômica e cultural da região e deu início ao primeiro sistema integrado de agrobusiness, ao se instalarem as fábricas de fiação e tecelagem na Amazônia.” (BENCHIMOL, 2008: 468).

As famílias japonesas se transformaram nos primeiros empresários da região e aumentaram sua influência sobre o local, ao obter sucesso e conseguir recursos para investir na Amazônia, a partir do agronegócio. Na percepção norte-americana, os imigrantes, seu capital e suas tendências ideológicas poderiam conduzir a uma invasão inimiga na Amazônia.

Em um clima de incertezas e insegurança, mesmo com o apoio do governo brasileiro e das autoridades locais da Amazônia, os norte-americanos – não satisfeitos – planejavam instalar bases aéreas no território de Roraima, temendo a instalação de bases navais germânicas. A importância estratégica do local fora incansavelmente lembrada pelos representantes diplomáticos e militares.

Possíveis Bases Aéreas e Submarinas em Roraima

Em um contexto de guerra, a estratégia define área de operações, estabelece o front, os esforços de guerra e muitos outros pontos, mas a estratégia precisa, além de planos e planejamento, de muita imaginação, como afirmou Freedman: “Adding flexibility and imagination, however, offers a better chance of keeping pace with a

¹⁷ Carta do Adido Militar naval dos Estados Unidos no Brasil. Em 30 de junho de 1942. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 197.

developing situation, regularly re-evaluating risks and opportunities.” (FREEDMAN, 2013: 618).

E ao dotar-se de imaginação, o Departamento de Guerra norte-americano elevou Roraima a um importante cenário estratégico mundial, não apenas por suas riquezas minerais e pelos imigrantes estrangeiros presentes no território, mas pela posição geográfica que permitia fácil acesso aos demais países caribenhos e ao canal do Panamá.

Durante a Segunda Guerra Mundial foram frequentes as sabotagens de navios e submarinos. A política alemã aparentemente estava convencida que era mais barato sabotar submarinos nas docas que submersos, e os americanos se tornaram vigilantes nos locais que desembarcam elementos suspeitos.¹⁸

O adido naval dos Estados Unidos reportou ao governo norte-americano a ocorrência de uma expedição científica feita pelo governo alemão ao rio Jari com a finalidade de criar uma base secreta de submarinos.¹⁹ Em 1935 se estabeleceu no Pará o alemão Otto Schulz Kampfhensel, o qual possuía muitos equipamentos como teodolito, filmadora, Câmaras, avião, entre outros. Ele explorou toda região até a Guiana Francesa.

O local era um porto seguro para as embarcações, devido seu isolamento. Na visão do adido, era possível que os alemães intencionassem instalar a referida Base, pois se os alemães invadissem a Guiana Francesa eles poderiam facilmente adentrar o Brasil para explorar a borracha e outros produtos amazônicos. E afirmou: “Eu conheço bem a região e o rio Jari, tem várias quedas próximas da nascente e é bastante deserto, usado apenas pelos seus habitantes, nativos semi-bárbaros.”²⁰

Outrossim, o major Sharp argumentou que o interior do Piauí e do Maranhão ofereciam excelentes locais para montar bases aéreas, principalmente porque caso o

¹⁸ Carta enviada pelo Adido Militar dos Estados Unidos no Brasil, Cel. Claude Adams e pelo Assistente do Adido Militar, Cap. Lloyd Gomes, para War Departamento General Staff. Em 01 de setembro de 1942. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 219.

¹⁹ Carta do Adido Militar Naval dos Estados Unidos no Brasil. Em 30 de junho de 1942. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 197.

²⁰ id., ib.

inimigo dominasse o delta do Amazonas poderia adentrar no Caribe através dos rios Negro e Caquetá, na direção da Colômbia e pelo rio Ucayala em direção ao Peru.²¹

A bacia do rio Amazonas tinha grande importância estratégica para controlar a Venezuela e a Colômbia, pois está a menos de 1000 milhas do canal do Panamá, considerado o bastião da linha de defesa dos Estados Unidos, ou seja, era a chave do programa de defesa norte-americana.

No pensamento estadunidense, embora a América do Sul estivesse longe do teatro de operações dos conflitos, não deveria ser negligenciada. A topografia dos rios Caquetá, Putumayo e outros é bastante similar e apresenta barrancos de terra firme, que poderiam servir como campos aéreos.

No receio que estes temores relatados nos informes fossem concretizados pelo Reich, os enviados norte-americanos, civis e militares, ampliaram a supervisão sobre a Bacia Amazônica e principalmente no território de Roraima.

Conclusão

A partir de 1940, o Brasil alinha-se ao governo norte-americano e se declara pró-aliados na Segunda Guerra Mundial. Um dos importantes trunfos do Brasil de Getúlio Vargas foi justamente o valor estratégico do norte e do nordeste, para a segurança do canal do Panamá.

Vargas soube utilizar este potencial estratégico a favor do Brasil na obtenção de empréstimos e na criação da Companhia Siderúrgica Nacional. A estratégia nos negócios é também uma estratégia de guerra, principalmente quando o mundo vivencia um conflito.

Neste contexto, Roraima, que pertencia ao estado do Amazonas, foi elevado a Território Federal e passou a receber visitas e averiguações dos observadores norte-americanos. Roraima, ao ter elementos perigosos e oferecer locais para instalação de pretensas bases aéreas e submarinas, ganhou visibilidade no cenário nacional e internacional.

²¹ Carta do Major norte-americano Frederick Sharp para o Departamento de Guerra dos Estados Unidos. Em 27 de janeiro de 1941. Washington Arquivo Military Intelligence Division. Box 197.

Referências Bibliográficas

BELLINTANI, Adriana Iop. **O Exército Brasileiro e a Missão Militar Francesa:** instrução, doutrina, organização, modernidade e profissionalismo (1920-1940). Brasília: UNB, 2009.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia:** formação social e cultural. Manaus: Valer, 2009.

FERRAZ, Francisco César. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FREEDMAN, Lawrence. **Strategy:** a history. Nova York: Oxford, 2013.

MCCANN, Frank. **Aliança Brasil-Estados Unidos:** 1937/1945. Rio de Janeiro: Bibliex, 1995.

SEITENFUS, Ricardo. **A Entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SANTOS, Adair. **Roraima:** História Geral. Boa Vista: UFRR, 2010.

SOUZA, Marcio. **História da Amazônia.** Manaus: Valer, 2009.

Fontes Documentais

Carta de Hal B. Arsmstrong, Jr, Primeiro Tenente do Corpo Aéreo e assistente do adido militar. Em 09 de fevereiro de 1942. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 224.

Carta do Adido Militar Naval dos Estados Unidos no Brasil. Em 30 de junho de 1942. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 197.

Carta do Adido Militar naval dos Estados Unidos no Brasil. Em 30 de junho de 1942. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 197.

Carta do Major norte-americano Frederick Sharp para o Departamento de Guerra dos Estados Unidos. Em 27 de janeiro de 1941. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 197.

Carta enviado pelo Adido Militar dos Estados Unidos no Brasil, Cel. Claude Adams e pelo Assistente do Adido Militar, Cap. Lloyd Gomes, para War Departamento General Staff. Em 01 de setembro de 1942. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 219.

Carta enviada pelo Capitão Louis Miccio. Em 22 de novembro de 1943. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 219.

Correspondência do gen. Góes Monteiro para o gen. Marshall, Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1939. Rio de Janeiro: CPDOC, Arquivo Getúlio Vargas, rolo 6.

Correspondência de Chadebec de Lavalade, chefe da Missão Militar Francesa, para o ministro da Guerra da França, Rio de Janeiro, 09 de junho de 1939. Paris: Arquivo SHAT, 3399.

Correspondência de Henry Gueyraud, encarregado dos negócios da França no Brasil, para o ministro das Relações Exteriores da França, Rio de Janeiro, 03 de junho de 1939. Paris: Arquivo MRE, dossiê 132, 174-5.

Correspondência de Eurico Gaspar Dutra para Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 05 de maio de 1939. Rio de Janeiro: CPDOC, Arquivo Eurico Gaspar Dutra.

Documento endereçado ao Secretário de Estado dos Estados Unidos. Em 09 de janeiro de 1942. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 197.

Documento endereçado ao Secretário de Estado dos Estados Unidos. Em 14 de agosto de 1942. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 197

Relatório encaminhado ao Departamento de Guerra dos Estados Unidos. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 197.

Relatório do vice-cônsul norte Americano, Parker Hart para o Governo norte Americano. Em 16 de julho de 1941. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 222.

Relatório do vice-cônsul norte Americano, Parker Hart para o Governo norte Americano. Em 16 de julho de 1941. Washington: National Archives, Military Intelligence Division. Box 222.